

Todos os Lugares

com Ricardo Carvalho

Ilha de Hitra, Noruega © Ricardo Carvalho



7 de janeiro
O banal e o singular

14 de janeiro
Repetir nunca é repetir

21 de janeiro
Lugares públicos: empatia e fricção

28 de janeiro
Imprevisibilidade

A ideia do lugar não é habitualmente abordada na vida quotidiana. Mas os lugares são o suporte fundador da nossa experiência singular e coletiva. Falamos de lugares sobretudo quando nos referimos aos destinos que reservamos para o tempo livre. O turismo quase exauriu o significado fundador do lugar para o substituir por uma imagem de rápida apropriação. Uma imagem que exclui a participação ou o confronto. Os lugares que aqui se abordam podem fazer parte da vida quotidiana, dos caminhos diários dos outros. Estão muitas vezes distantes dos monumentos.

Sabemos de uma literatura de lugares que nunca existiram. Há outra, mais abundante, que os reinventou a partir da força da palavra. Mas não foi apenas a literatura que demonstrou essa capacidade de olhar e compreender os lugares, na sua vastidão e complexidade. A arquitetura,

a disciplina transformadora dos lugares e das condições de vida, sempre recorreu a essa estratégia da experiência simultaneamente real e ficcional para retirar ideias de lugares longínquos e reinventar a cultura e a identidade desses novos lugares que propõe construir.

As quatro sessões abordam os lugares a partir de ideias sobre o banal, a repetição, o espaço público e a surpresa. São as fotografias o fio condutor do discurso. Imagens de um arquivo pessoal, que tem sido apresentado a propósito do trabalho de Ricardo Carvalho como arquiteto, e que inclui *polaroids*, fotografia analógica, digital e outras feitas com telemóveis. As quatro conferências abordam a arquitetura e a cultura contemporânea num percurso em quatro partes: O banal e o singular, Repetir nunca é repetir, Lugares públicos: empatia e fricção, Imprevisibilidade.

Imprevisibilidade

A quarta e última sessão de *Todos os Lugares* aborda o tema da imprevisibilidade. No domínio da arquitetura é a imprevisibilidade que nos faz memorizar espaços e atmosferas. Porque é que uma igreja se distingue entre as dezenas de outras que visitámos? Porque é que uma determinada casa é distinta de todas as outras, ainda que com a mesma série de funções?

A definição de arquitetura é simultaneamente imediata e complexa. Parece ser unânime que a arquitetura opera a transformação dos lugares. Pode ser descrita como a disciplina que convoca o pensamento e a construção. Estando indubitavelmente ligada ao ato da transformação, operando com os constrangimentos e tirando partido da oportunidade que cada situação oferece, não é linear a perceção na sociedade da sua real contribuição para a construção dos lugares. A imprevisibilidade é, eventualmente, uma das suas contribuições.

A imprevisibilidade é seguramente uma das consequências do fazer arquitetura. Superar e questionar a norma, encontrar evidências, abrir precedentes, permitir questionar o que tomamos por adquirido. Tudo isto pode acontecer com ou sem rutura. A imprevisibilidade é uma forma de radicalidade.

As imagens utilizadas nas sessões anteriores, todas elas, poderiam ser convocadas para esta última sessão. No sentido que a imprevisibilidade opera no banal e no singular, opera com as questões conceptuais e construtivas que alimentam o pensamento disciplinar e operam ainda na construção do domínio do comum. Contudo outros e novos lugares se abordam para explicitar esta ideia.

Ricardo Carvalho nasceu em Lisboa e é arquiteto. O trabalho do *atelier* Ricardo Carvalho + Joana Vilhena Arquitetos tem sido exposto e publicado internacionalmente. É Professor do Departamento de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa e diretor do mesmo desde 2013. Foi Professor nas Universidades do Brandemburgo, BTU Cottbus, Alemanha e de Navarra, Espanha. Escreve regularmente sobre arquitetura e coleciona livros de viagem.

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 7 A 28 DE JANEIRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO